



*“Em sua opinião,  
como governos, empresas  
e sociedade civil  
podem transformar em  
prática as discussões  
teóricas da Rio+20?”*

# 40 ideias para o sucesso da Rio+20



“O pessimismo não nos ajudará a mudar e inovar. Avisamos sobre tendências globais que estavam a caminho no relatório *Nosso Futuro Comum* e agora precisamos de uma compreensão maior do papel-chave das mulheres para o desenvolvimento sustentável e de soluções efetivas para energia limpa e eficiente.”

**Gro Brundtland**  
EX-PRIMEIRA MINISTRA DA NORUEGA\*



“A questão crítica do Brasil está relacionada à Amazônia. Nosso problema poderia ser mais solúvel evitando a destruição da floresta: devemos pressionar mais nesse sentido. Além disso, as mudanças climáticas vão afetar as regiões mais pobres do planeta. Precisamos tomar consciência de que a questão social está ligada diretamente à ambiental.”

**Fernando Henrique Cardoso**  
SOCÍLOGO, CIENTISTA POLÍTICO E EX-PRESIDENTE DO BRASIL\*\*



“Para alcançar o desenvolvimento sustentável precisamos fomentar e dar escala a iniciativas bem-sucedidas, tirando subsídios de algumas atividades e desonerando outras, além de financiarmos processos, incorporarmos acordos voluntários e dialogarmos com a classe média e com as mulheres. Na Rio+20, o posicionamento do governo brasileiro é apoiar o Processo de Marrakech e as iniciativas de compras governamentais sustentáveis.”

**Samyra Crespo**  
SECRETÁRIA DE ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL  
E CIDADANIA AMBIENTAL DO MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE\*\*\*



“Cada país tem uma situação diferente, mas as questões relacionadas à água e energia são as principais a serem abarcadas. Encontrar financiamento é algo complicado, então precisamos pensar em um sistema financeiro inovador e em precificação para os recursos naturais. Para isso, imaginação, vontade e crença serão qualidades necessárias.”

**Brice Lalonde**  
COORDENADOR EXECUTIVO DA RIO+20



“Países como a Alemanha estão investindo em energias renováveis e gerando empregos. Nos Estados Unidos, mesmo sem apoio, as empresas também estão fazendo sua parte nesse tema. Precisamos de pessoas que realmente falem a verdade e entrem de cabeça nessa causa, não se importando com as consequências.”

**Bianca Jagger**  
ATIVISTA SOCIAL E AMBIENTAL\*

\* Em palestra no Fórum Mundial de Sustentabilidade, março 2012

\*\* Em entrevista coletiva no Fórum Mundial de Sustentabilidade, março 2012

\*\*\* Em palestra no Congresso GIFE, março 2012  
As demais frases deste painel são todas exclusivas para Ideia Sustentável



“Um processo como o da Rio+20 é fundamental, marca uma geração inteira. Mas ainda assim diz respeito aos governos e a uma conferência por consenso, na mais baixa ambição. Já existem instrumentos para monitorar, medir, colocar números factíveis e resultados socioambientais importantes à mostra. É com base nesses dados que governos, empresas e sociedade civil precisam encontrar um acordo.”

**Marina Grossi**

PRESIDENTE EXECUTIVA DO CONSELHO EMPRESARIAL BRASILEIRO  
PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (CEBDS)



“Precisamos de decisões comuns, ações concretas, princípios e regulações. Devemos tentar abarcar diversos campos ao mesmo tempo e para isso teremos de estabelecer uma organização e trazer as questões da sustentabilidade para o centro do debate político. Não podemos perder o impulso, a energia, senão tudo o que conquistamos até hoje será perdido. E não tomar nenhuma decisão significa perder esse impulso.”

**Dominique de Villepin**

EX-PRIMEIRO MINISTRO DA FRANÇA\*\*



“Os políticos não veem e não sabem o que está acontecendo de fato. Na maioria das vezes, assinam acordos sem terem o menor conhecimento sobre a sua implementação. É preciso planejar antes de fazer.”

**Kumi Naidoo**

DIRETOR EXECUTIVO DO GREENPEACE INTERNACIONAL



“Já não crio expectativas quanto às reuniões da ONU, embora os temas da Rio +20 sejam críticos. Com tantos governos abdicando de suas responsabilidades, o fardo de conduzir a mudança transformadora cada vez mais estará nas mãos da sociedade civil, empreendedores, investidores e empresas. Eles, por sua vez, não terão escolha a não ser insistir em governos e governanças melhores, tanto em nível nacional quanto global.”

**John Elkington**

COFUNDADOR DAS CONSULTORIAS VOLANS E SUSTAINABILITY



“Teoria pode ser transformada em uma prática poderosa em três passos. Primeiro, usando o Princípio de Pareto: aproximadamente 80% dos nossos resultados vêm de 20% das coisas que fazemos. Segundo, devemos destilar a essência de nossas teorias e encontrar os elementos de alto potencial transformador — esses conceitos potentes precisam ser traduzidos em estruturas elegantes e ferramentas facilmente utilizáveis. Terceiro, precisamos rapidamente criar protótipos e repeti-los até que funcionem.”

**Barrett Brown**

DIRETOR EXECUTIVO DO INTEGRAL SUSTAINABILITY CENTER



“Precisamos assumir a necessidade de envolvimento na política global para que até 2015 tenhamos um acordo de enfrentamento das mudanças climáticas e, depois, assegurar que a transição para uma economia de baixo teor de carbono seja feita a tempo de evitar os piores cenários de aquecimento global.”

**Sérgio Besserman Vianna**

ECONOMISTA E AMBIENTALISTA



“A decisão mais importante que poderá ser tomada na Rio+20 não é ‘teórica’, mas a de reorientar a economia mundial na direção de uma economia verde. Para o governo isso significa adotar legislação estabelecendo limites para as emissões de carbono, desmatamento, exploração de recursos marinhos e outros recursos naturais. Para as empresas caberá a implementação da legislação adaptando os seus processos produtivos de modo a não ultrapassar os limites estabelecidos por lei. Para a sociedade civil, debater e pressionar para a mudança dos padrões de consumo de modo a torná-los menos predatórios, como foi feito no caso do tabagismo.”

**José Goldemberg**

FÍSICO ESPECIALIZADO EM PRODUÇÃO DE ENERGIA E PROFESSOR DA USP



“As discussões na Rio+20 não são apenas teóricas, também são sobre ‘comos’ e ‘porquês’. Todos queremos mais informações de qualidade, então a melhoria na elaboração de relatórios terá um resultado prático: governos podem colocar estruturas de política global em prática, empresas podem se beneficiar com os relatos e a sociedade civil pode promover a transparência.”

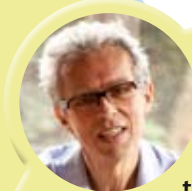
**Teresa Fogelberg**

EXECUTIVA-CHEFE ADJUNTA DA GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI)



“Antevejo que a Rio+20 trará escassos resultados práticos, correndo o risco de ser mais um fiasco, tal como as últimas COPs do clima. ‘Economia verde’ me soa como uma espécie de moratória a se conceder às empresas e aos Estados para prosseguir nas práticas predatórias de mercado. Curioso: como humanidade, nos caracterizamos pela negação do óbvio e pela crença no impossível. O óbvio é a inviabilidade futura do padrão civilizatório vigente. E o impossível é que possamos transformá-lo sem rever os fundamentos éticos dominantes e reconhecer a necessidade de uma bioeconomia, tal como a define Herman Daly.”

**Homero Santos**  
DIRETOR DA CONSULTORIA FRACTALIS



“Nosso desafio maior não é transformar em prática aquilo que é dito teoricamente. É, antes de tudo, definir, ainda que teoricamente, objetivos e ambições que ultrapassem a forma habitual e tacanha de se fazer as coisas, colocando no centro de todas as discussões as inovações da economia verde, claro, mas junto com a luta contra as desigualdades e pelo respeito aos limites dos ecossistemas.”

**Ricardo Abramovay**  
COORDENADOR DO NÚCLEO DE ECONOMIA SOCIOAMBIENTAL FEA-USP



“O melhor resultado que se pode esperar para a Rio+20 é uma honesta declaração de boa vontade por parte de todos os governos do mundo. Se cada governo ao redor da Terra se comprometer de fato a incentivar, educar e investir em uma economia inclusiva e de baixo impacto ambiental, a conferência do Rio terá alcançado parte importante de seus objetivos. Novos negócios já devem nascer verdes e a velha economia precisa perder incentivos e vantagens artificiais.”

**Dal Marcondes**  
JORNALISTA, DIRETOR DA ENVOLVERDE



“Todos precisam exercer seus papéis plenamente, de forma a conseguir a transformação das ideias em ações da vida cotidiana: os governos precisam buscar a convergência para conseguirmos que acordos fundamentais sejam estabelecidos sem privilegiar ou prejudicar uma ou outra nação; as empresas, como agentes de transformação da sociedade, precisam olhar a sustentabilidade como parte inseparável dos negócios; e cada um de nós, como sociedade civil, tem de assumir a responsabilidade que nos cabe como cidadãos, agir com coerência e cobrar uma posição ativa dos governos e empresas na busca pelo desenvolvimento sustentável.”

**Fábio C. Barbosa**  
PRESIDENTE EXECUTIVO DA ABRIL S.A.



“Primeiro, paremos de passar o bastão. A ação prática de que precisamos virá do trabalho conjunto entre governos, empresas e sociedade civil. Os governos precisam definir o palco certo para a ação, apresentar objetivos claros, políticas consistentes e investimento em inovação e conhecimento; as empresas precisam correr alguns riscos, falar e agir contra o *status quo*; e a sociedade civil precisa estar plenamente engajada para que qualquer mudança aconteça.”

**Sally Uren**  
EXECUTIVA-CHEFE ADJUNTA DO FORUM FOR THE FUTURE





“Sempre se soube que a Rio+20 não é uma ‘reunião de cúpula’, como foi a Rio+10, na África do Sul. Sempre se soube que da Rio+20 sairá um documento que já tem até nome: *O Futuro que Queremos*. Sempre se soube que a Rio+20 tem só três dias e que, junto com a *PrepCom* e os *Diálogos da Sociedade Civil*, se chega a 10 dias de muito buxixo. Exatamente: bu-xi-xo! E, já que se sabia de tudo, por que não aproveitamos e vamos à luta para a Rio+20 realmente acontecer na mídia de todo o planeta, em mais um esforço de conscientização e de levar, pelo menos em linhas gerais, a causa aos sete bilhões de habitantes da nave Terra?”

**Ricardo Carvalho**

JORNALISTA, DIRETOR DA TV MEIO AMBIENTE



“A transformação em práticas pelos atores indutores dar-se-á em torno de dois temas, o desafio de mudanças na vida cotidiana e sua relação com o desenvolvimento sustentável, e a necessária revisão dos paradigmas que até os dias atuais ainda enfatizam a expansão dos processos de mercantilização da natureza e privatização dos bens comuns, em particular os serviços ecossistêmicos. O principal desafio é fortalecer as correntes de pensamento que destacam a centralidade e a defesa dos bens comuns da humanidade, um debate aberto sobre os alcances e limites da economia verde. Mas cabe enfatizar a necessidade de ampliar práticas que promovam aprendizagem social com ênfase nas comunidades de aprendizagem e em ações pautadas pelos múltiplos enfoques da sustentabilidade.”

**Pedro Roberto Jacobi**

PROFESSOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO E DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA AMBIENTAL DA USP



“Aos governos, caberá a tarefa de sinalizar, com ferramentas legais adequadas, os limites a serem respeitados em termos, por exemplo, de emissões de gases de efeito estufa, uso da água e inclusão social. Da sociedade civil, espera-se uma postura independente, combativa, mas ao mesmo tempo responsável, apontando para eventuais caminhos de conciliação entre o desejável e o possível. Da academia, deve-se estimular produção científica que traga soluções tecnológicas e inovação. Por fim, mas não menos importante, caberá às empresas o desenvolvimento e a aplicação de práticas e procedimentos que busquem a transição para uma economia de baixo carbono e socialmente inclusiva, passando necessariamente pela seleção e divulgação de indicadores e metas afetos a esses temas.”

**Clarissa Lins**

DIRETORA EXECUTIVA DA FBDS



“Creio que a sociedade deve pressionar os organismos multilaterais para fazer avançar os acordos ora em discussão (Mudanças Climáticas e Diversidade Biológica), criar mecanismos de decisão e de governança que tirem o sistema dessa paralisia burra, porém conveniente àqueles que não querem mudança. Nesse sentido, defendo que a UNEP adquira status de agência internacional, autônoma — a exemplo da OMC — e seja empoderada para implantar a agenda existente e induzir a adoção da agenda da economia verde no comércio e nos acordos internacionais.”

**Ricardo Young**

EMPRESÁRIO SOCIOAMBIENTALISTA



“Essa prática deve surgir de uma visão de futuro construída de forma compartilhada e com participação equilibrada entre governo, empresas e sociedade civil. Deve-se utilizá-la como um guia para as ações governamentais e empresariais, com o estabelecimento de objetivos de curto e de longo alcance que seriam colocados de forma voluntária para o mercado. Essas ações deveriam focar a solução dos problemas existentes, mas também as potencialidades com que o novo paradigma da economia verde poderá favorecer o desenvolvimento do planeta.”

**Luiz Ernesto Gemignani**  
PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA PROMON



“A Rio-92 fez os diagnósticos e definiu a Agenda 21. Agora trata-se de avançar no ‘como’, no processo decisório concreto. Às dimensões econômica, social e ambiental é preciso acrescentar a sempre evitada dimensão política, o quarto pilar que permite a ação. Trata-se dos mecanismos de governança, da definição das responsabilidades, das fontes de financiamento, dos mecanismos de acompanhamento e controle. Estados, movimentos sociais, empresas, academia, sindicatos, mídia, autoridades locais, todos precisam convergir para que as mudanças comecem a acontecer.”

**Ladislau Dowbor**  
PROFESSOR DA PUC-SP



“Os avanços na economia verde e na governança sustentável terão de ser planetários. Não bastará só em um país ou só em um lugar. E isso dependerá de acordos internacionais e de legislação que cobre o valor dos danos em cada impacto. Mas cada país, cada empresa, cada pessoa terá de rever seus modos de viver e colaborar para que tenhamos formatos compatíveis com os recursos disponíveis no planeta. Esses limites já foram superados. E os riscos são muito altos.”

**Washington Novaes**  
JORNALISTA



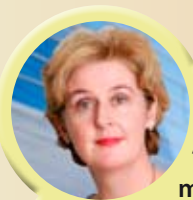
“Quero crer que boa parte dos governos, empresas e organizações civis já fazem alguma coisa. O problema é que isso não é o suficiente. Fazer mais e melhor, promover um planejamento estratégico que tenha na sustentabilidade seu eixo matricial é o desafio premente, considerando o senso de urgência que acompanha os alertas da comunidade científica. Do ponto de vista econômico, é bom deixar claro que o custo da inação supera com sobras o da reengenharia em favor da sustentabilidade.”

**André Trigueiro**  
JORNALISTA



“Falta foco nas atuações. A sociedade civil deve se concentrar na promoção de atitudes que levem a um melhor uso de recursos naturais: morar numa habitação adequada (sem grandes espaços pouco utilizados), usar transporte público, desenvolver hábitos de consumo mais frugais, batalhar por cidades mais densas. Os governos devem usar os impostos diferencialmente para induzir os melhores usos, mas só mesmo as empresas, por meio de suas associações empresariais, podem propor e seguir pactos que ensejem um mundo mais sustentável no médio prazo.”

**José Luiz Alquéres**  
URBANISTA E EX-PRESIDENTE DA LIGHT



“Colaborações e mecanismos que as permitem são o nome do jogo. Líderes precisam ser recompensados, bem como retardatários punidos. Os governos devem introduzir regulamentação para ‘nivelar o campo de jogo’, já que a ação acelerada por empresas líderes não deve implicar vantagem competitiva. Mas todos os três setores podem ajudar a moldar e fazer cumprir a legislação, abolir a corrupção dominante e replicar iniciativas-piloto nascentes ou já existentes para a inovação sustentável, bem como influenciar e transformar as cadeias de valor. Os três setores podem apoiar e calibrar o processo. Precisamos de um novo impulso ‘em saltos’ para um desenvolvimento verdadeiramente sustentável. E, como diz o ditado, três cabeças pensam melhor do que uma!”

**Aileen Ionescu-Somers**  
DIRETORA DO CENTRO DE SUSTENTABILIDADE  
CORPORATIVA DO IMD, NA SUÍÇA



“A capilarização do tema sustentabilidade em parte da sociedade não produziu resultados em escala que, revertendo a curva de degradação, transformassem os líderes do mundo tripolar em referências de uma geração. Portanto, a transição no sentido da sustentabilidade com metas e métrica definidas demanda, pelo menos: reinvestir os subsídios globais de US\$ 650 bilhões dos combustíveis fósseis em economia de baixo carbono; zerar a perda líquida de florestas; criar, aos moldes dos Objetivos do Milênio que findam em 2015, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e financiar a redução da miséria com a taxação de grandes fortunas e empresas.”

**Fernando Almeida**  
ESCRITOR ESPECIALIZADO EM  
SUSTENTABILIDADE CORPORATIVA



“A Rio+20 é sobre desenvolvimento sustentável. Significa minimizar emissões de gases estufa; despoluir o ar, a água e o solo; eliminar resíduos, especialmente os tóxicos; reduzir o uso de recursos não renováveis. Para os governos: regular as atividades econômicas e mudar a estrutura de incentivos. Imposto sobre carbono, incentivos às tecnologias limpas são instrumentos bons. Investir em transporte público limpo. As empresas devem examinar sua cadeia de suprimentos e o ciclo de vida de seus produtos para eliminar todos os pontos de insustentabilidade. As pessoas devem agir com esses objetivos em mente. Recusar, reduzir, reusar, reciclar é um bom princípio.”

**Sérgio Abranches**  
JORNALISTA



“A Rio+20 é um evento que propõe, discute e procura consenso. Porém, cabe à sociedade como um todo assumir os resultados e usá-los para a construção de um NOVO MUNDO. Os limites planetários exigem a superação de várias crises cíclicas que hoje nos afligem. Em menos de três décadas, seremos quase 10 bilhões. Teremos de reconstruir as cidades, reinventar a economia e habitar cidades sustentáveis. A Rio+20 trará as ferramentas necessárias para um mundo socialmente inclusivo, ambientalmente equilibrado e economicamente estável. Tanto governos quanto empresas e a sociedade civil devem participar da construção desse NOVO MUNDO.”

**Israel Klabin**  
FUNDADOR E PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA O  
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (FBDS)





“É forte a impressão de que o sucesso mais tangível ainda venha a ser encontrado nas iniciativas particulares de cada um dos agentes sociais. Por que então pendemos tanto para a abordagem do consenso multissetorial? Pela crença de que é o jeito certo de agir. Só que nos esquecemos de que tentar conciliar interesses de setores tão díspares em valores, recursos e articulação muitas vezes nos levou à paralisia ou – pior ainda – ao acirramento dos conflitos, como tem acontecido, por exemplo, com a revisão do Código Florestal no país. A tentação por repetir a fórmula do consenso, diante dos desafios da Rio+20 é grande. O risco de ficarmos estagnados também.”

**Fabián Echegaray**  
CIENTISTA POLÍTICO E DIRETOR  
DA MARKET ANALYSIS



“A Rio+20 contribuirá para a mudança do *modus operandi* insustentável se Estado, setor privado e sociedade civil participarem não com o objetivo de defender a manutenção do seu próprio *status*, mas sim para produzir direcionamentos e propostas estratégicas ao problema mundial. Os desafios são os mesmos há 20 anos (ou 40, considerando Estocolmo) e o mais difícil nesses eventos da ONU é estabelecer consenso sobre as metas com as quais os países devem se comprometer. Somente uma posição menos individualista dos envolvidos permitirá que bons acordos sejam elaborados, aceitos e implementados por todos.”

**Malu Nunes**  
GERENTE DE RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA E  
SUSTENTABILIDADE E DIRETORA EXECUTIVA DA FUNDAÇÃO GRUPO  
BOTICÁRIO DE PROTEÇÃO À NATUREZA



“Neste ponto crucial da vida humana no planeta, temos de concordar que, após 20 anos, os avanços da Eco 92 foram poucos se comparados ao tamanho das mudanças ambientais. As discussões da Rio+20 podem representar um momento essencial para transformar essa realidade e para a elaboração de ações efetivas condizentes com a teoria. Na Abraps acreditamos fortemente que o diferencial dessa década será a influência dos profissionais de sustentabilidade nas decisões das instituições, governos e empresas para que não só a parte econômica seja levada em consideração, mas sim todas as questões socioambientais.”

**Marcus Nakagawa**  
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFISSIONAIS DE  
SUSTENTABILIDADE (ABRAPS)



“Se fizermos uma avaliação das mudanças nos últimos 20 anos podemos identificar avanços importantes, mas torna-se evidente que fomos incapazes de evitar a crise ambiental, as mudanças climáticas e outros problemas que teremos pela frente se não formos capazes de promover as mudanças necessárias na transição para um mundo mais sustentável. Acredito que essa transição depende de mudanças profundas nos valores, comportamentos e práticas de indivíduos e organizações, que precisam de fato valorizar mais a qualidade de vida, os bens comuns, o espaço público e o futuro das próximas gerações do que o consumo desenfreado, o automóvel e o lucro a qualquer preço.”

**Dalberto Adulis**  
DIRETOR EXECUTIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DE LIDERANÇAS (ABDL)



“A Rio+20 trará ao Brasil a oportunidade de liderar uma nova pauta calçada em uma economia de menos carbono, com melhor eficiência no uso de recursos e com inclusão social. É importante que aproveitemos este momento para envolver, engajar e mobilizar todos os setores da sociedade para que de fato, juntos, possamos realizar as ações propostas durante o evento.”

**Paulo Nigro**  
PRESIDENTE DA TETRÁ PAK



“A divulgação da Rio+20 e a discussão dos seus temas se traduzem em um processo pedagógico, que instiga e provoca a participação de diversos *stakeholders*. Minha esperança é que os debates tragam esclarecimentos e, obviamente, ações. A complexidade dos problemas é grande e as soluções somente serão encontradas em regime de colaboração. E elas virão, muitas por intermédio de respostas tecnológicas, por meio da inovação. É preciso que tenhamos consciência de que esse caminho não vai acontecer da noite para o dia. Como tenho dito, a ação sustentável está diretamente ligada à influência em políticas públicas e assim devemos caminhar para garantirmos avanços.”

**Franklin Feder**  
CEO DA ALCOA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE



“A Rio+ 20 é uma grande oportunidade para avançar nas soluções para uma governança global em assuntos ligados a direitos difusos que permitam — por maioria de votos — resoluções mais profundas em temas que hoje ameaçam a humanidade. Com isso, passariam a vigorar mecanismos econômicos de compensação para redução das ameaças ao clima e à biodiversidade que comprometem nosso futuro e, ao mesmo tempo, criariam-se novos negócios e reduziria-se a pobreza.”

**Claudio Padua**  
PRESIDENTE DO INSTITUTO  
DE PESQUISAS ECOLÓGICAS (IPÊ)



“Um bom critério é fixar metas, porque assim nos esforçamos para mensurar e monitorar. Essa é a solução mais prática, com todas as dificuldades que possa trazer. A questão essencial da Rio+20 são os limites do planeta. Defendo uma espécie de IPCC do planeta. Muito do que se pede para governos e empresas tem de existir na sociedade civil: transparência e *accountability*. Quanto mais responsabilidades os cidadãos têm, maiores são as chances de atenderem aos requisitos. Na Rio+20, a aliança estratégica é: setor empresarial cosmopolita, sociedade civil organizada, líderes governamentais com apoio da academia. Essa é a grande diferença da Eco92, quando o setor empresarial quase não esteve presente. Agora acho que está, mas tem de se sujeitar a mais transparência e prestação de contas.”

**Fábio Feldmann**  
CONSULTOR E AMBIENTALISTA



“Espero que a Rio+20 seja um evento divisor de águas, como foi a Eco 92, para avançar, de forma concreta, o caminho para o desenvolvimento sustentável global. É a última chance de comprometimento da humanidade para fazer a transição para uma economia verde e tirar pessoas da pobreza. Não podemos esperar mais! Comprometimento real é a minha expectativa. Infelizmente, não tenho a certeza de que os líderes globais estão realmente comprometidos ou apenas estão no discurso politicamente correto.”

**Héctor Núñez**  
PRESIDENTE DA RI HAPPY